

Solidão

Margarida Viñas Ribeiro Lima¹

RESUMO

O presente artigo parte da percepção da solidão como palavra recorrente aliada ao sofrimento psíquico. Ligada ao individualismo contemporâneo, é apenas recentemente que passou a se vincular à tristeza, ao isolamento e à patologia. Retomando o uso da expressão por Freud, nas várias concepções que ele lhe atribuiu, percorreu-se os vieses da demanda e do desejo, ligados às pulsões invocante e de escuta, através da metáfora da música evocada por Didier-Weill (1976), para compreender a solidão em diferentes matizes. Para que o sentimento possa ser vivenciado pelos seus aspectos positivos, tanto de investigação como de criação e produção, ambos vislumbrados por Freud, a solidão deve ser “construída” dentro de cada um, desde a infância.

Palavras-chave: Solidão. Isolamento. Demanda. Desejo. Pulsão invocante. Pulsão de escuta.

*“A Solidão é uma atriz, sem a plateia
É abelha sem colmeia, é barco à vela no sertão
É a promessa do político, sem ética
É a conta aritmética onde o Zero é a solução”*

(Oswaldo Montenegro)

*“Apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe.
E isto significa o infinito da felicidade. Esta é a minha mística.”*

(João Guimarães Rosa)

¹ Membro Associado do CEPdePA.

“Solidão” é palavra polissêmica, comporta várias traduções: “Estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento [...] Sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado em meio a um grupo social [...]”. Ou, ainda: “Estado ou condição de duas pessoas que, não obstante viverem juntas, não se entendem nem se comunicam uma com a outra [...] Retiro, desamparo, abandono.” – são as definições linguísticas apresentadas pelo Dicionário Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS, 2009, p. 1766).

Quando se quer explorar um tema a partir de sua expressão, há que se compreender as acepções que ela comporta. Assim, juntamente à definição semântica, apontada pelo dicionário, pode-se visar seu sentido indicativo. Uma certa expressão no rosto de alguém, por exemplo, pode *indicar* que essa pessoa vai ter um ataque de raiva. E solidão aponta tanto para a tristeza, o vazio, quanto para um espaço de um certo silêncio interior, ou até para a criatividade, dependendo do contexto subjetivo.

Há, ainda, o sentido de valor, ou significância, de cada expressão. É ele que aponta o peso da coisa, para cada um ou socialmente. A medalha pode valer uma vida quando significa a vitória após uma longa jornada. E “Brumadinho” é uma palavra que ganhou o signo de uma chaga sócio-política, após o desastre da barragem. Para quem perdeu uma família inteira, “solidão” pode ser um fardo diferente daquele de quem sempre gostou de ficar só.

Considerando, pois, que a expressão pode ecoar de diferentes formas dentro de cada um, de acordo não apenas com suas vivências, mas com seus recursos para enfrentar os desafios e castrações do cotidiano, mesmo assim, a solidão tem chamado atenção dos mais diversos profissionais ocupados com a saúde pública. A recente quarentena, devido aos riscos trazidos pelo Covid-19, fê-la repercutir de diferentes maneiras no interior de todos nós. Mas, para além de ser uma consequência do isolamento, ela é atualmente vista como um sofrimento que acomete um grande número de pessoas, um verdadeiro mal-estar da contemporaneidade. Não à toa, em 2018, o Reino Unido criou o Ministério da Solidão, para honrar o trabalho da deputada Jo Cox, que militava a favor das pessoas solitárias, e lutar contra o que a Primeira-Ministra Theresa May descreveu como “[...] a triste realidade da vida moderna [...]” (REINO..., 2018, *on-line*).

Tratada como uma nova epidemia, estudos apontam que a solidão aumenta o risco de morte em 26% (CACIOPPO, J.; CACIOPPO, S., 2016), evidenciando a pulsão tanática associada a esse sentimento. O tema inquietou pensadores como Alexis de Tocqueville (1805-1859) e Émile Durkheim (1858-1917), e, desde então, o sofrer a ele associado é ligado às transformações políticas e econômicas associadas à modernidade, que possibilitaram “[...] novos modos de interpretar os indivíduos e suas relações com a sociedade [...]”, conforme a historiadora Fay Bound Alberti (2020, *on-line*). Seguramente, compreendê-la como um problema é algo muito recente. Antigamente, o homem tinha Deus; estar só significava ter-se deixado sem ele (LA SAGNA, 2007).

Inicialmente, quando o sentimento de solidão se tornou um ‘assunto’, foi visto como um achado inesperado e compensador: o homem podia estar só consigo mesmo. A solidão passou a ser lugar de exploração do humano. Daniel Defoe percorreu as angústias do personagem fictício Robson Crusoe à exaustão; não foram poucos os que investigaram suas vivências como anacoretas. Diz-se até que o sujeito moderno, sujeito só, na sua emergência, fora uma invenção de Jacques Rousseau, para quem o homem nasce só e apenas, em um segundo momento, ingressa na sociedade, que o oprime, pela via do “contrato social” (LA SAGNA, 2007). Com a modernização das cidades e o aumento do trabalho industrial, passou-se a enfatizar a individualidade. E, qualquer que seja a ‘invenção’ do sujeito isolado, com o tempo a palavra solidão foi adquirindo um tom carregado de interpretações negativas, associadas à ausência de laços sociais, vazio e isolamento.

Não possuindo ainda o peso social de estigma que hoje comporta, a palavra solidão aparece apenas duas dezenas de vezes² na tradução *Standard das obras completas de Freud*. Ainda que o isolamento fosse uma recomendação da época no tratamento da histeria, Freud observa que a Sra. Emmy von N. vivia em “solidão mental” desde a morte do marido, parecendo atribuir a esse fato uma causa propícia ao seu padecimento. E a própria Elisabeth atribuiu o aparecimento primevo de suas dores *ao andar* ao sofrimento sentido ao constatar o “[...] contraste entre

2 Na verdade, Freud a cita em 21 vezes, conforme a tradução da *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Mas em *Arruinado pelo êxito*, a palavra consta em uma citação de Rosmer, razão pela qual não foi computada.

sua própria solidão e a felicidade conjugal da irmã enferma [...]” (FREUD, 1893, p. 175); e de suas dores *ao sentar* à percepção da solidão em que se encontrava.

Mas o principal efeito danoso da solidão, nos escritos de Freud, é como desencadeador da fobia. É objeto da fobia comum, em *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia* (FREUD, 1895 [1894]). Do mesmo modo, na *Conferência XXV, A ansiedade*, a solidão aparece, juntamente com a escuridão, como causa primeira para despertar esse sintoma, especialmente em crianças. Ambas – solidão e escuridão – estão envolvidas quando a criança sente a ausência de alguma pessoa amada, que cuida dela, geralmente, a mãe. E, correlacionando-as, narra o diálogo que ele mesmo ouvira entre uma criança com medo do escuro e sua tia: “Mas fala comigo, titia. Estou com medo!’ ‘Por quê? De que adianta isso? Tu nem estás me vendo.’ [...] ‘Se alguém fala, fica mais claro.” (FREUD, 1917 [1916-17], p. 408).

Poucos anos depois, Freud questiona-se se há algo de “estranho” no sentimento de solidão: “E, uma vez mais: qual é a origem do efeito estranho do silêncio, da escuridão e da solidão?” (FREUD, 1919, p. 263). Conclui que, no que diz respeito a esses três fatores, eles são tão somente elementos que participam da ansiedade infantil, dos quais a maioria dos seres humanos jamais libertou-se inteiramente (FREUD, 1919).

Na sequência, em *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud reafirma a solidão como fator desencadeador de fobias. Estas têm lugar “[...] após um primeiro ataque de ansiedade ter sido experimentado em circunstâncias específicas, tais como na rua, em um trem ou em solidão.” (FREUD, 1926 [1925], p. 127).

Durante mais de 30 anos, Freud manteve-se fiel a uma concepção biológica sobre a ansiedade³, segundo a qual esta é provocada pela não satisfação da libido. É nesse sentido que ela aparece, no *Rascunho E*: “[...] a angústia surge por transformação a partir da tensão sexual acumulada.” (FREUD, 1950 [1892-1899], p. 237); na *Interpretação dos sonhos*: “A angústia é um impulso libidinal que tem origem no inconsciente e é inibido pelo pré-consciente.” (FREUD, 1900, p. 362); em *Delírios e sonhos na gradiva de Jensen*: “A ansiedade nos sonhos de

3 Ansiedade ou angústia, como constam de algumas traduções e até do título do texto de 1926 (FREUD, 1926 [1925]), são ambas traduções para a mesma palavra alemã *Angst*.

ansiedade, como toda ansiedade neurótica em geral, corresponde a um afeto sexual, a um sentimento libidinal, e surge da libido pelo processo de repressão.” (FREUD, 1907 [1906], p. 60); na *Conferência XXV*: “[...] a ansiedade constitui moeda corrente universal pela qual é ou pode ser trocado qualquer impulso, se o conteúdo ideativo vinculado a ele estiver sujeito a repressão.” (FREUD, 1917 [1916-17], p. 404).

A partir de 1926, com a publicação de *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud (1926 [1925]) muda de opinião e estabelece que a ansiedade, ou angústia, é um afeto sentido como sinal a um perigo. Ela não decorre da insatisfação libidinal face à repressão (como a ansiedade neurótica era vista até então). Ao contrário: é a ansiedade que produz a repressão, uma vez que o ego forma sintomas e erige defesas para evitá-la (QUINODOZ, 2007).

Nesse texto, Freud distingue diferentes tipos de ansiedade: a que decorre de um perigo real (*Realangst*); a ansiedade automática (*automatische Angst*), que se desencadeia ante uma situação traumática deixando o eu impotente; e a angústia sinal, emergente frente a uma situação de perigo, quando o eu tornou-se capaz de prever sua iminência (QUINODOZ, 2007). Esse perigo, frente ao qual o eu se angustia, está sempre relacionado à perda do objeto: “Até aqui consideramo-la como um final afetivo de perigo; mas agora, visto que o perigo é tão amiúde o de castração, ele nos parece uma reação a uma perda, uma separação.” (FREUD, 1926 [1925], p. 129). E, mais adiante: “É a ausência da mãe que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá o sinal de ansiedade [...]” (FREUD, 1926 [1925], p. 136). Adiante, Freud (1926 [1925]) desenvolve que há uma certa evolução no objeto cuja perda se teme, ao longo da vida: o desamparo psíquico é o temor do indivíduo quando o ego é imaturo; o perigo de perda do objeto advém até a primeira infância; e o medo do superego (ou de perda do seu amor), até o período de latência.

Na *Conferência XXXII*, Freud (1933 [1932]) reporta-se à ansiedade como um problema ainda não solucionado, ou seja, como uma questão que se mantém em aberto. Nesse texto, *Ansiedade e vida instintual*, a ansiedade está novamente relacionada à não satisfação libidinal. Por isso, o medo de estar só e o medo de estranhos, em crianças, devem ser entendidos como pertencentes ao tipo neurótico,

já que a ansiedade, nesses casos, é uma transformação direta da libido. “A solidão [– diz ele –] assim como um rosto estranho, despertam na criança um anelo por sua mãe, a quem conhece tão bem: a criança é incapaz de controlar sua excitação libidinal, não consegue mantê-la em suspenso e transforma-a em ansiedade.” (FREUD, 1933 [1932], p. 87).

Se a solidão é vista na obra freudiana como fator desencadeante de ansiedade, por outro lado, ela também é o palco para as descobertas sexuais infantis, onde a masturbação pode ser exercida (FREUD, 1899). É o que se apresenta também nos *Três ensaios sobre a sexualidade*: “A investigação sexual desses primeiros anos da infância é sempre feita na *solidão*; significa um primeiro passo para a orientação autônoma no mundo e estabelece um intenso alheamento da criança frente às pessoas de seu meio que antes gozavam de sua total confiança.” (FREUD, 1905, p. 186, grifo nosso).

É nesse sentido que o termo se encontra no caso de Hans, que “*na sua solidão*” evocava em fantasias os companheiros do verão passado, enquanto estimulava seus genitais em busca da satisfação autoerótica (FREUD, 1909). Além disso, no sentido de espaço para a concretização das satisfações sexuais, a solidão *a dois* aparece como requisito. Com essa conotação, um casal que se retira do grupo ou do corpo social para buscar o prazer um com o outro está realizando uma demonstração contra o instinto de grupo, instinto gregário (FREUD, 1921).

Por fim, na obra freudiana, a expressão também é utilizada para definir uma condição importante na produção de conhecimento. Nas palavras de Freud (1921, p. 94): “Quanto ao trabalho intelectual, permanece um fato, na verdade, que as grandes decisões no domínio do pensamento e as momentosas descobertas e soluções de problemas só são possíveis ao indivíduo que trabalha em solidão.” Também é fator de propulsão do sujeito, quando ela aponta a necessidade de buscar-se outros meios de satisfação. É o caso do Moisés freudiano, que “Pela necessidade de seu desapontamento e solidão, voltou-se para esses estrangeiros e neles buscou compensação para suas perdas. Escolheu-os como seu povo e neles tentou realizar seus ideais.” (FREUD, 1939 [1934-1938], p. 37).

Considerando que os dois últimos sentidos atribuídos por Freud à palavra solidão referem-se a momentos de criação e investigação, seja pela exploração

sexual do seu próprio corpo, seja como meio propício para a sublimação do trabalho intelectual, é na sua relação com a produção de ansiedade e/ou sofrimento que o tema será abordado adiante. Busca-se, aqui, compreender o que se passa em um sofrimento específico: a relação entre o sujeito-solitário e o objeto-Outro. Para tanto, baseamo-nos na metáfora da música, utilizada por Didier-Weill (1976), para abordar algo que se passa na relação entre a pulsão invocante e a pulsão de escuta⁴, representantes preferenciais dos elementos de troca com o Outro, fala e escuta, já que, para o sujeito da linguagem, é em grande parte através de ambos que o circuito pulsional se desenrola. Além disso, entendemos ser importante investigar de que modos a “solidão” pode ser algo que se constrói dentro de cada um.

Na metáfora evocada por Didier-Weill (1976), tudo se passa, em um primeiro momento, entre um bebê, que ainda não é um sujeito, e a mãe. A mãe canta sua música, expõe seus acordes, vibra suas dores, sua falta e suas demandas. O bebê-ouvinte escuta essa música, que nele reverbera. A música o “musica”. Torna-o um ser musical, produzindo efeitos no bebê. A cantiga da mãe passa a habitá-lo, sem que ele o saiba.

Ressonando no bebê-ouvinte, a música clama uma resposta, um coro, uma complementação. Para que possa respondê-la, o bebê precisa antecipar-se, fazendo surgir a pergunta que o habita enquanto ouvinte: *Que Vuoi?* – ou “como posso entoar os próximos acordes da nossa música?”. Se souber a resposta, a melodia continua a ser cantada; se não tiver meios para obtê-la, sobrevém a ansiedade, pelo risco de desamparo. “*Que Vuoi?*” é justamente a pergunta que remete à falta no Outro, que o bebê busca, a todo custo, preencher. A falta está contida na música, integra-a e lhe dá o tom, assim como as pausas fornecem o desejo pela sonoridade das notas musicais. Mas a mãe não fala sobre a falta; não diz que falta é essa. A falta é cantada no próprio cantar.

Mais adiante, o bebê começa a entoar a música, solfeja-a como se fosse sua. Há, então, uma inversão: o bebê imagina que há um sujeito (mãe), em alguma parte, que compreendeu uma questão que é dele. E não somente a entendeu,

4 De acordo com os esclarecimentos de Didier-Weill (1976), a expressão “pulsão de escuta” parece ter sido criada por ele.

como se inspirou nela, sendo a música a própria resposta a essa questão que o habita.

Enquanto a falta estava na música da mãe, ainda que o bebê a cantarolasse, não cabia referir-se a ele como um sujeito. Na medida em que ele entoava a música *como se sua fosse*, torna-se um sujeito, incorpora, na (agora) sua própria música, sua própria falta. Que, aliás, ele não sabe qual é. Nesse sentido, está em *fading*, barrado (\$), cindido de algo que toma por seu.

Nesse jogo entre suprir a falta do Outro e amortecer sua própria, produz-se o enlaçamento intersubjetivo entre demanda e desejo. Primeiro, é a mãe que demanda; a mãe é o Outro, em um primeiro momento. O bebê, através da indagação “O que ela quer?” – *Que vuoi?* –, busca satisfazê-la. Ao mesmo tempo, a música que o bebê entoava e repete é composta por silêncios, urros e vazios: demandas que vão se tornando suas e que, para além da mãe, mais tarde buscará outros para satisfazê-las. É uma atribuição da demanda ter esse efeito de produzir uma ansiedade no outro que é tocado por ela. E a ansiedade gera o desejo que move o sujeito a satisfazê-la. “[...] o desejo é um remédio para a angústia.”, preconiza Lacan (1960-1961, p. 357) em linha com Freud, para quem o desejo é despertado para aliviar o desprazer.

Nessa dança musical, na qual se alternam os papéis de voz e escuta, algo se articula com a pulsão, como se essa falta, esse nada, que está presente em ambos os sujeitos, fosse a moeda de troca, paradoxalmente configurada no que Lacan chamou de objeto *a*. Primeiramente, o sujeito confia no outro, deixa que ele lhe empurre alguma coisa (a pulsão), e então espera que ele lhe forneça esse objeto *a*. Mas na medida em que isso transcorre, o que se revela é que esse objeto é apenas contornado. O objeto *a* é um engodo, uma ilusão. É inatingível.

Quando o bebê/agora sujeito assegura-se que esse objeto tem características de um objeto perdido, e que não é possível encontrá-lo, há uma outra inversão pulsional, ou seja, uma segunda tentativa de aproximação do objeto perdido, mas dessa vez da sua perspectiva como sujeito. Explicando: no primeiro tempo, é um auditor, ouve a música; depois, reconhece-se como auditor. Chega-se a um ponto de báscula, que permite que ele passe para outro lado e possa avançar, pois agora sabe que é um ouvinte – *um sujeito suposto escutar* – e a música, a produção, ou

o que era a sua resposta inaugural coloca-o nessa posição de sujeito que pode respondê-la por um amor de transferência.

O que a música produz, todo o tempo, são efeitos de amor. Há que se remarcar a noção de objeto perdido sobre o efeito da música, ela tem esse poder de metamorfose, de transmutação, transformando, por exemplo, tristeza em nostalgia. Nessa transmutação, tudo se passa como se o objeto inicial tivesse evaporado. Didier-Weill (1976) propõe, com isso, entender o gozo obtido através da música, prazer/gozo musical, como o poder de fazer o objeto evaporar. Fazer “evaporar” o objeto, em um sentido psicanalítico, é o caminho para a sublimação e para a identificação, vias que possibilitam a dessexualização do gozo.

Aqui, então, processa-se uma nova reversão pulsional: há um novo sujeito, com a sua própria música, e a abertura para um novo objeto. A partir de então o sujeito se sente como se fosse compositor da sua música, as notas o atravessam. É o sujeito falante, sujeito cantante. Atravessado por uma falta, sua falta, e pela falta do Outro, é através do amor de transferência, visando ao objeto a, que ele tenta supri-la.

Considerando esse esquema e buscando compreender como funciona essa música que está todo o tempo relacionada com o amor, conclui-se que, em um primeiro tempo, não é que o sujeito fala de amor ao Outro, mas que ele responde ao Outro, que ele está nessa posição, não tem escolha, a não ser responder.

No segundo tempo da música, é possível fazer um paralelo à medida que o sujeito postula o amor do Outro por ele, mas o amor do Outro enquanto radicalmente impossível. É isso que está colocado para o sujeito, que, por esse segundo ponto de vista, tem uma perspectiva da falta que habita o Outro, mas que não pode supri-la.

Esse segundo tempo, em que o sujeito se percebe sujeito-ouvinte da música do outro, articula-se sincronicamente com um terceiro tempo: o sujeito, tendo sido tornado ele mesmo músico, produzindo música, dirige-se a um novo Outro, o sujeito suposto ouvir. Aqui estabelece-se uma nova disposição, na qual o sujeito é ao mesmo tempo falante e ouvinte. Nessa sinfonia que faz com o Outro, ora cantando suas demandas, ora respondendo com seu desejo às faltas do Outro, o sujeito falante vive cantando entre duas posições: sujeito demandante/desejante e objeto de desejo/demandado.

Quando a música escutada o comove, pelos efeitos da transferência, a ansiedade provocada desperta o desejo de respondê-la. Ao se ver desejante, com o objeto “evaporado”, já que o sujeito não sabe bem o que quer, ele sublima, produz, conecta-se. Homero ilustra bem a ansiedade – que pode ser atroz – provocada pelo canto demandante das Sereias. Para evitar respondê-lo, Ulisses não só se faz amarrar ao mastro, como corta um enorme naco de cera, moldando-o de forma a tapar os ouvidos de todos seus companheiros, a fim de que não sucumbam à visceral entoada.

Partindo do poema homérico, no conto de Kafka as Sereias respondem a Ulisses com uma estratégia ainda mais terrível que seu canto: o seu silêncio. Este, Ulisses não conseguiu escutar. Diante da individualidade da vida moderna e de um quase imperativo “cada um por si”, acreditamos poder-se pensar a solidão nesta articulação, entre demanda de um e desejo do outro. Há uma música que ressoa, ou não. E silêncios que podem se fazer ouvir. E, muitas vezes, as melodias e harmonias não se equivalem. Ou se está impedido de respondê-las.

Na articulação entre a demanda de um e desejo do outro, pode-se imaginar uma solidão quando o sujeito não é demandado, porque considera-se que ele é inapto para cantarolar, já que é dotado de poucos recursos para responder à música que gostariam que ele cantasse. Presumindo que esse sujeito tenha sido em algum momento, investido psiquicamente, que tenha respondido a uma primeira demanda, à música da mãe, é um sujeito libidinizado, sujeito cantante. Ao não se ver demandado, a solidão aqui produzida está ligada ao empobrecimento da imagem de si mesmo, com todas as suas repercussões. O eu fica apequenado, ainda que desejante. É como uma música que se ouve ao longe, mas é para outro que é cantada. Parece ser o que se passa com a maioria dos idosos, há tempos longe do trabalho, muitas vezes incapazes de cuidar até de si mesmos. Os filhos estão criados, possuem demanda próprias, direcionadas a outros.

É também possível pensar a solidão do lado daquele que é demandado, mas que não consegue desejar. A música lhe é cantada, mas não desperta o desejo do sujeito. A melancolia e outras patologias de cunho narcísico são bons exemplos. Com todo o investimento libidinal concentrado no eu-supereu crítico, o sujeito não se permite querer cantar. Parece que esse sujeito entoa uma música antiga,

que ele responde a outros que não mais cantam com ele. Está respondendo, com a rigidez superegoica, a figuras parentais da infância em vez de deixar-se levar pelo desejo em relação a objetos atuais.

Por outro lado, pode-se também pensar nos que não se permitem demandar, por estarem impedidos de se ver como detentores de capacidades e direitos. Talvez aí pudéssemos imaginar o masoquista, que nada pede para si; mas, sabe-se bem, goza com o gozo do Outro. E há ainda os que não conseguem se ver como objeto de desejo alheio, em decorrência da sexualidade inibida. Também aqui talvez possa se pensar nas solidões promovidas pela desigualdade social, que regula o direito de quem pode ou não demandar e desejar.

Com efeito, nas produções sociais, várias outras solidões se produzem. Alberti (2020) aponta a diferença entre o sofrimento de uma mãe solteira que cria seis filhos com poucos recursos e a de um adolescente sem amigos na vida real, mas com muitos amigos na internet. Uma outra espécie, diferente e pouco abordada, de solidão, mas que nos diz respeito diretamente, é a do psicanalista. Segundo Dolto (2001, p. 145), “Todo o mundo fica sozinho, mas o psicanalista ainda mais que os outros, e não tem ninguém com quem falar a respeito, porque ninguém mais pode sentir o que ele sente de um psicanalisando, mesmo que entenda.”. Ainda, segue Dolto, a respeito da singularidade da situação analítica:

Que podem [...], quando ela [a pessoa do psicanalista] está realmente consciente de que não passa de sustentáculo para os outros, deixá-la numa terrível solidão, por passar o tempo sendo suporte, sem ter uma realidade de intercâmbios. Somos um objeto de suporte de intercâmbios com outras pessoas, e precisamos trabalhar o tempo todo para entender, para ajudar o paciente a reviver através do engodo que somos para ele, sem deixá-lo cair na cilada de acreditar que está numa situação de realidade com o analista. Por outro lado, terminado o dia de trabalho, precisamos ter ainda uma quantidade suficiente de energia e de libido disponível para nossa vida pessoal, para que essa vida pessoal corra bem (DOLTO, 2001, p. 145).

Solidão pode, ou não, ser sofrimento; pode, ou não, ser solitária. Um bom critério parece ser pensá-la à luz das pulsões de vida e de morte. O sujeito pode estar só, mas conectado, erotizado, amando, produzindo, sublimando. Além disso, há que se observar que, ao longo dos anos, as solidões vividas por uma mesma pessoa são diferentes, já que as demandas e os desejos que se apresentam no seu transcorrer não são os mesmos.

Ainda que a definição semântica equipare solidão e isolamento, em termos psíquicos são coisas diversas. Mesmo na literatura psicanalítica, os conceitos se mesclam. Para Dolto (2001, p. 9), a solidão destrói “[...] quando se transforma em isolamento.”. Nesse sentido, também Dunker (2017) menciona os efeitos de isolamento decorrentes do sofrimento psíquico frequente, acarretando afastamento ou ruptura das relações. Parece-nos uma boa referência, para diferenciar os dois conceitos, pensar, com La Sagna (2007), que a solidão, diferentemente do isolamento, não é a exclusão do Outro. A solidão é a separação do Outro, em relação ao qual deve haver uma fronteira comum. O isolamento recusa essa fronteira; o isolamento é um muro. E, segue o autor, estamos em uma época de construções de muros, já que cada um não sabe muito bem onde começam e onde terminam as fronteiras. Seguindo na metáfora da música, o isolamento equivale a fazê-la calar, de todos os lados.

Todavia, o isolamento pode não ser total. Dolto (2001) lembra o isolamento sensorial de deficientes visuais e auditivos. Esse tipo de isolamento, parcial, pode ser suprido, não acarretando, necessariamente, sofrimento pela sensação de solidão. Outra forma de isolamento, parcial ou não, é o exílio. Aqui há um corte em relação a um lugar, ao qual se está impedido de voltar, mas o desejo/demanda em relação a objetos a ele referentes pode se manter aceso. O mesmo se passa no isolamento vivenciado recentemente em decorrência da pandemia de Covid-19. Há um impedimento, um muro invisível e mortífero, mas demanda e desejo continuam ecoando e mantendo a sua sonoridade na maior parte das pessoas. A solidão só se faz presente quando a pulsão enlaça um objeto, mas a música que se canta com ele não ressoa no mesmo timbre.

Isso porque, como sofrimento, a solidão é uma das faces das experiências de separação e castração no que tange à relação com o Outro. Busca-se, através do

objeto com o qual nos identificamos para suprir nossa falta e nossa falta no Outro, encobrir a distância e o estranhamento com relação a si mesmo. “Solidão não é apenas introspecção ou introversão, mas dissolução da própria solidez do ser.”, alerta Dunker (2017, p. 21).

Nesse sentido, é possível imaginar que quanto maior a dependência do desejo ou da demanda do Outro mais se fica sujeitado a sentir a solidão como sofrimento. Poder construir uma relação de clareza com os seus próprios anseios e desejos talvez seja um caminho possível para preencher, com Eros, o que se percebe como tanático quando se está só. Afinal, na relação do sujeito consigo mesmo, pode-se pensar ainda na solidão de viver fadado a ser alienado de si mesmo. Nas palavras de Lacan:

Quem fala só tem a ver com a solidão, no que diz respeito à relação que só posso definir dizendo, como fiz, que ela não se pode escrever. Essa solidão, ela, de ruptura do saber, não somente ela se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que, de uma ruptura do ser, deixa traço (LACAN, 1972-1973, p. 163).

É o que se inscreve na releitura que o psicanalista francês faz do cogito cartesiano. “Penso onde não sou, logo sou onde não penso.” (LACAN, 1998, p. 520, tradução nossa) que, em outras palavras, quer dizer que o sujeito está isolado de si mesmo. A frase comporta a ambiguidade de dizer ao mesmo tempo que o sujeito ‘não é’ onde está o seu pensamento no mesmo passo em que ‘é’ no lugar em que não imagina pensar, ou seja, no inconsciente (LACAN, 1998).

Essa dicotomia estrutural que faz com que o homem tenha seu pensar consciente onde há a mediação do simbólico e da linguagem torna-o, em parte, incapaz de acessar o seu pulsional. De um lado, consciente, o sujeito, atravessado por seu ego, tenta pensar, produzir intelectualmente, encontrar sentido, definir ações; de outro, sente prazeres, pulsão, desejo. Se pensa, já não se entrega totalmente à emoção. Para apreciar um quadro, ou uma música, ou namorar, há que se deixar levar. Claro que se pode pensar no meio de tudo, mas, quando se raciocina, deixa-se de conectar-se ao pulsional.

Foi nesses dois sentidos, tanto na entrega ao pulsional quanto na produção intelectual, que Freud percebeu os aspectos produtores da solidão. Ou seja, há que se estar em solidão tanto para as investigações eróticas quanto para a produção intelectual, incluída a tomada de decisões de vida, como quando Moisés escolhe seu povo e tenta realizar nele seus ideais (FREUD, 1939 [1934-1938]).

Há, portanto, solidões que são enriquecedoras e estruturantes para o sujeito. Mesmo se tratando de um modo de experiência que se vive diferentemente conforme a idade, profissão e educação, a solidão pode ser habitada pela relação do homem consigo mesmo, e, por isso, trata-se de uma forma de minimizar o *fading*, ou seja, essa distância que o homem tem de si mesmo. Nesse sentido, há que se construir uma solidão que não signifique estar só, mas estar “em si”.

Para que isso possa ser construído, segundo Dolto (2001), há que se respeitar a solidão e a ociosidade das crianças. O hábito dos adultos de pressionar as crianças a estarem sempre fazendo alguma coisa faz com que uma certa passividade física que constitui um enriquecimento para a criança, no sentido de observar as coisas, de refletir, seja desvalorizado, como algo errado. A psicanalista francesa prega uma revalorização das pulsões passivas salientando que, se a criança estiver chateada, possa ficar quieta, ainda que no meio dos outros. Nesse sentido o relato de uma experiência pessoal sua, um olhar reflexivo de um recorte de infância onde há uma solidão habitada por objetos amorosos ocupados, cada um, com seus haveres:

Lembro-me das longas horas no meu tempo de infância, quando, felizmente, só tínhamos um lampião: não havia eletricidade em casa, e por isso as pessoas ficavam em volta do lampião ocupadas com alguma atividade: uma remendava, outra bordava, outra fazia os deveres; e quem não era obrigado a ficar perto da luz para trabalhar ficava fora do círculo luminoso. Para mim, era maravilhoso viver olhando quem tricotava ou remendava, olhando o papel ser arranhado e riscado quando meu irmão fazia a lição de casa. Ali vivi momentos de verdadeira vida, completamente passiva, a olhar os outros, e aquilo não era ócio. Acho que isso ensina

a viver; é cheio de poesia. Quando me lembro do encanto daquele círculo de luz com as pessoas em volta, ocupadas, e me lembro de mim, menininha, sem nada para fazer, contente, ali, passando uma hora, duas horas... (DOLTO, 2001, p. 432-433).

Trata-se de um excerto da narrativa das vivências pessoais de Dolto (2001), mas poderia ser uma experiência comum a qualquer um. Trouxemos para ilustrar como todos nós precisamos de uma solidão que tenha sido povoada pelo prazer de estar consigo mesmo ouvindo barulhos, vendo familiares, escutando a mãe ou outro cuidador cantarolando, em outro cômodo da casa, uma cantiga qualquer que se ouve de longe. Essas vivências e o prazer de se perceber vivendo-as são o que faz povoar a solidão do adulto, anos mais tarde, fazendo-o cantar, ainda que sozinho; cantar para si mesmo.

“Eu estou só. O gato está só. As árvores estão sós. Mas não o só da solidão: o só da solistência.”, poetiza Guimarães Rosa (1970, p. 84). “Solistência” é um neologismo criado por ele para definir a solidão da existência de tudo que vive. Se dessa não há como escapar, que se possa transformar o pesaroso sentimento de estar só em uma solistência comum produtiva e prazerosa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, F. B. 11 perguntas sobre isolamento para Fay Bound Alberti, autora de ‘Uma biografia da solidão’. [Entrevista cedida a] André Duchiede. **Época**, Rio de Janeiro, 15 maio 2020. Seção Sociedade. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/11-perguntas-sobre-isolamento-para-fay-bound-alberti-autora-de-uma-biografia-da-solidao-24428077>. Acesso em: 8 jun. 2020.

CACIOPPO, J. T.; CACIOPPO, S. Solidão, uma nova epidemia. **El País**, Madrid, 13 abr. 2016. Seção Psicologia. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/ciencia/1459949778_182740.html. Acesso em: 11 set. 2020.

DIDIER-WEILL, A. Lacan: 21 Décembre 1976. *In*: SÉMINAIRE LACAN, 24., 1976-1977, Paris. **Annales** [...]. Paris: École des Hautes Études en Sciences So-

ciais, 1976-1977. Tema: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre, p. 18-25. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

DOLTO, F. **Solidão**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DUNKER, C. **A reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu, 2017.

FREUD, S. (1893). Caso 5: Srta. Elisabeth von R. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 161-206. (Edição standard brasileira, 2).

FREUD, S. (1895 [1894]). Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 79-92. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1899). Lembranças encobridoras. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 287-308. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos (I). *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-370. (Edição standard brasileira, 4).

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.117-229. (Edição standard brasileira, 7).

FREUD, S. (1907 [1906]). Delírios e sonhos na gradiva de Jensen. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 19-94 (Edição standard brasileira, 9).

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 11-134. (Edição standard brasileira, 10).

FREUD, S. (1917 [1916-17]). Conferência XXV: a ansiedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 393-412. (Edição standard brasileira, 16).

FREUD, S. (1919). O 'estranho'. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 233-274. (Edição standard brasileira, 17).

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 77-154. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 79-168. (Edição standard brasileira, 20).

FREUD, S. (1933 [1932]). Conferência XXXII: ansiedade e vida instintual. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 63-84. (Edição standard brasileira, 22).

FREUD, S. (1939 [1934-1938]). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-150. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1950 [1892-1899]). Rascunho E: como se origina a angústia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 235-240. (Edição standard brasileira, 1).

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LA SAGNA, P. De l'isolement à la solitude. **La Cause Freudienne**, Paris, v. 2, n. 66, p. 43-49, 2007.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533.

LACAN, J. (1960-1961). **O seminário**: livro 8: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, J. (1972-1973). **O seminário**: livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

QUINODOZ, J. M. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. São Paulo: Artmed, 2007.

REINO Unido cria Ministério da Solidão. **DW**, Bonn, 17 jan. 2018. Seção Europa. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/reino-unido-cria-minist%C3%A9rio-da-solid%C3%A3o/a-42193361>. Acesso em: 12 set. 2020.

ROSA, J. G. **Ave, palavra**. 3. ed. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1970.

Soledad

RESUMEN

Este trabajo parte de la percepción de la soledad como una palabra recurrente combinada con sufrimiento psicológico. Relacionada al individualismo contemporáneo, solo recientemente se ha vinculado a la tristeza, el aislamiento y la patología. Volviendo al uso de la expresión de Freud, en las diversas concepciones que le atribuyó, nosotros buscamos en los rasgos de la demanda y del deseo, conectados a los impulsos de invocación y escucha, atravesados por la metáfora de la música evocada por Didier-Weill (1976), comprender la soledad en diferentes tonos. Para que el sentimiento sea experimentado por sus aspectos positivos, tanto en la investigación como en la creación y producción, ambos imaginados por Freud, la soledad debe ser “construida” dentro de cada uno, desde la infancia. **Palabras clave:** Soledad. Aislamiento. Demanda. Deseo. Invocando unidad. Unidad de escucha.

Solitude

ABSTRACT

This article uses the perception of solitude as a recurring word tied with psychic suffering. Connected to contemporary individualism, it's only recently that it became associated with sadness, isolation and pathology. Bringing back the use of the expression by Freud, in the many conceptions he attributed it with, using the biases of demand and desire, connected to the invocation drive and drive of hearing, through the metaphor of music reminded by Didier-Weill (1976), we tried to comprehend solitude in different hues. For the feeling to be experienced by its positive aspects, those being investigation as much as creation and production, both observed by Freud, solitude must be “built” inside each person, from childhood.

Keywords: Solitude. Isolation. Demand. Desire. Invocation drive. Drive of hearing.